ANO 5.º | Sexta-feira, 7 de Fevereiro de 1913 | NUMERO 258

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . 1$200 réis
Semestre . . . 600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . 2$500 réis
Avulso . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA
Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

A data histórica

Apezar da peor contrariedade e da razão mais desorganisadôra—como seja o tempo chuvoso e frio—a receção que o norte dispensou ao venerando chefe do Estado, quando da sua visita ao Porto, foi estrondosamente unica pela espontaneidade e ardôr patriótico com que sempre se revestiram todas as demonstrações públicas, feitas por milhares de pessoas, que dignificáram e engrandeceram as instituições na pessoa do seu representante e na do chefe do govêrno e ministro do Interior.

Aproveitou o regimen com a viagem presidencial e aproveitou de fórma completa e absoluta—mostrando bem alto e da maneira mais edificante e segura que a nação está indissoluvelmente com as suas instituições, implantádas e regádas com o sangue generoso e bom dos que sofreram e morreram por élas.

Foi, sem dúvida, tal acto de um grandissimo alcance politico e, de verdade, melhor ocasião se não podia oferecer como estimulo e como homenagem aos sentimentos patrioticos dos republicanos do norte de que a presença do sr. Presidente da Republica na alta manifestação patriotica comemorativa da jornada de 31 de Janeiro.

E nêssa larga consagração—sob chuva constante e vento frio, céu plumbeo e ar humido e agrestes, a alma popular cheia de fé e de esperança no resurgimento completo da querida Patria, vibrou em intensos e formidáveis acordes de entusiasmádo côro, ora entoando o hino nacional, ora aclamando em formidaveis e unisonas saudações, o velho Arriaga, até ao momento derradeiro da sua largada para a capital.

O Democrata, representado por o sr. Humberto Beça, um dos seus mais valiosos colaboradores, tomou parte em todas as demonstrações, fazendo-se nélas representar, como um dever, que tinha a cumprir.

BEJA DA SILVA

Partiu ontem no rapido da tarde para Lisboa, afim de exercer a comissão de serviço com que o govêrno da Republica o destinguiu, o nosso muito presado amigo Antonio Maria Beja da Silva.

A' sua partida assistiu um seléto numero de amigos e admiradores daquele funcionário, que deixa entre os aveirenses fundas saudades pela rectidão, imparcialidade e justiça com que desempenhou as funções administrativas, nomeádamente nos periodos de maior perturbação politica, que ésta cidade, como todo o país, atravessou e ainda quando da execução da lei da Separação.

Beja da Silva evidenciou especialmente por éssas ocasiões não só as faculdades extraordinárias do seu trabalho como ainda a agudêsa do seu espirito e inexcedivel dedicação ás instituições.

Ante-ontem, numa das salas do Centro Republicano, um numeroso grupo de amigos e apreciadores do caracter de Beja da Silva ofereceu-lhe um jantar de despedida que decorreu sempre com a maior animação.

Ao *champagne* fizéram-se varios brindes que bem traduziram a alta estima e a desmedida simpatía que todos os convivas merecidamente evidenciáram nutrir pelo festejádo, que num magnifico improviso agradeceu, comovido e penhorádo, todas as provas de estima e afecto recebidas, imerecidamente, afirmou ele, numa demonstração da sua reconhecida modéstia.

Bem merecidas, porém, tem sido todas éssas vivas provas de estima por Beja da Silva por quanto não foi, nem como homem nem como funcionário, dos que passam despercebidos e apagádos.

Para ele todas as felicidades de que é digno, todas as distinções que bem meréce.

* * *

Cêrca das 14 horas de 4.ª feira, foi dada posse, no gabinête do comissariádo, ao novo administrador, sr. Antonio Domingos Teixeira, assistindo ao acto varios cavalheiros e amigos que assistiram o respectivo termo.

O novo administrador agradecendo as amaveis palavras que para ele teve o seu digno antecessor, referiu os seus intimos desejos de bem servir o cargo assim como a melhor vontade em se não afastar do bom caminho até ali seguido pela autoridade que veiu substituir.

Fazendo votos para que s. ex.ª assim proceda, apresentâmos ao novo funcionário a nossa respeitosa homenagem e afectuosa saudação.

Relances

Leis precisas

Parece que na presente legislatura se resolverá a questão das acumulações e a do limite dos ordenádos.

Parece que sim e assim deve ser.

São compromissos qne temos de honrar, se nos quizérmos honrar e honrar a Republica.

Mas não esqueçâmos que qualquer das questões ha de dar agua pela barba a quem a resolver.

Céga e surda

Fez o venerando chefe do Estado a sua primeira viagem. Foi ao Porto, á histórica cidade do 31 de Janeiro, e désta viagem presidencial póde dizer-se, sem favor, que foi bem uma viagem triunfal.

Toda a gente soube deste facto que a História regista a oiro puro, e não o calou a imprensa que antes se lhe referiu com palavras de justiça.

Excéção feita ali á patrioteira gazêta católica que, com os olhos fechados para vêr fechadas as igrejas abertas, não deu por éssas estrondosas manifestações de carinho ao alto representante da Republica Portuguêsa.

Fez-se céga e fez-se surda, que os vivas fizéram bem éco!

A' cavaca

Isto de a gente se divertir por fórma que incomóde os outros, aborrecendo-os ou, o que ainda é peor, deitando-lhes abaixo uma sobrancelha ou esborrachando-lhes o nariz, será uma coisa divertidissima... para quem gosta.

Eu é que, francamente, não sou devóto de tais folguêdos.

E parece que não estou só. Pelo menos a récita de segunda feira no *Teatro Aveirense* deixou-me a impressão de que o bom humôr dos espectadôres foi flagrante emquanto o carnaval se limitou ao razoável, ao chique: ás serpentinas, aos papelinhos, ás bisnágas...

Quando, porém, passou á secção da batata, da caliça e da cavaca... dôce, o bom humôr da maioria foi-se para dar logar ao tumulto, sempre lamentavel.

Mentirólas

Muito se mente por esse mundo fóra!

E' a mentira uma instituição universal, e cá o burgo não quer, quanto a isso, estár fóra do Univérso.

E ás vezes, se não sempre, valia a pena não falseár a verdade, mórmente quando a mentira está a vêr-se em toda a sua irritante nudez.

Assim, por exemplo, para que diabo é que a gazêta católica local, contra os rudimentos da doutrina do seu Cristo, veiu trombetear que neste concelho em que médra o mexilhão estão fechadas as egrejas de Esgueira e Oliveirinha e a capéla de Mataduços?

Fechados estão os olhos de quem tal disse que não quiz vêr a verdade que é... exatamento o contrário.

Valha-o santa Luzía!...

Uma descobérta

E' levadinho da bréca aquele *Dia*, do consul de Banana!

Sabem os meus quatro leitores o que ele agora descobriu?

Um novo rádio? uma nova polvora? um novo *606*? uma nova navegação aérea?

Nada disso!

Descobriu ésta genialissima coísa que veládamente—por modéstia, cérto é, acaba de lançar a público:

—Que os da sua grei, os que arrombaram a monarquia, que arrombaram os cofres públicos, pue arrombaram o país, que arrombaram a Patria, que nos deixáram sem exercito, sem marinha, sem instrução e até—que horrôr!—sem bons costumes, estão cada vez menos satisfeitos com a marcha da Republica.

Olha a novidade!

Pois quanto menos satisfeitos estivérem, melhor; mais progride a Patria.

Clemente Morêno.

O cumulo da audácia

Chegam até nós rumores de que alguem, por parte da FIRMINADA, se entrega ao odioso encargo de contra nós predispôr alguns membros do juri que hade fazer parte da audiencia do dia 15, onde vâmos ser julgados a requerimento do editor do CAMALEÃO, chegando a infamia a ponto de se arquitétarem intrigas para com maior facilidade se obter o almejado fim ou seja a nossa condenação.

O facto não nos surpreende exatamente porque conhecemos de ha muito os processos, ainda os mais vís, que essa gente costuma pôr em prática para o conseguimento do que tem em vista. Entretanto cumpre-nos denunciar a infamia. Porque é positivamente uma infamia mendigar dum tribunal a punição seja de quem fôr que vá ser julgado, que ali se apresente confiante na justiça quando o suborno já tem penetrádo nas consciencias dos julgadores menos cultos a pedido dos que só á custa de mil baixêzas vivem e pretendem impor-se.

Acostumados a tudo, restanos ainda vêr que o tribunal de Aveiro se transforme em joguête nas mãos dos que aqui teem dado os mais tristes exemplos de seriedade e civismo.

Aguardêmos.

Imprensa

Pelos seus aniversários felicitâmos hoje os nossos colégas *A Humanidade*, bi-semanário de propaganda democratica e social de Coimbra e o *Povo de Agueda*, jornal evolucionista que na vila donde tirou o nome se publíca sob a direcção do nosso amigo dr. Abilio Napoles.

A este sômos nós devedores de inequivocas provas de solidariedade, posto que militando em campos diametralmente opóstos na politica, o que nos léva a ter com êle mais uma prova de recouhecimento traduzida no desejo duma vida prospera e longa.

Francisco de Moura

No dia 5 passou o terceiro aniversário da morte do decano dos republicanos de Aveiro, cuja memoria ainda hoje é lembráda com profunda saudade por todos que nêle viam o amigo dedicado, o politico de convicções e austéra intransigencia.

Ao recordar a hora triste em que o vimos partir para além tumulo, a nossa vista fixa-se na figura do venerando ancião como que a recolher novos alentos, porque foi ele muitas vezes quem nos encorajou, animando-nos e iluminando com os fulgôres do seu espirito a nossa alma de patriota ardente e republicanos convictos.

Pobre amigo.

* * *

Para serem distribuidos pelos pobres mais necessitados do *Democrata*, o sr. José Ferreira Pinto Junior, acreditado droguista do Porto, enviou-nos 5 escudos em comemoração da lugubre data.

Para a semana publicarêmos os nomes dos contemplados, agradecendo, no entanto, desde já, ao sr. Ferreira Pinto Junior, a generosa oferta reveladôra da amisade que o ligáva ao saudoso extinto.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco* e *Kiosque Elegante*, no Rocio.

Confronto

Da secção—*Ècos*—do nosso colega lisbonense, *a Patria*:

«Um jornalista francês foi condenádo a um ano de prisão por ter escrito um artigo em que se exaltáva um bandido célebre.

Imaginem que nêste país se condenávam a penas similares os jornalistas que teem cometido a torpêsa de exaltar a familia Bragança e todos os facinoras que no tempo da monarquia fizéram mão baixa nos dinheiros do Estado!»

Não era nada: tinhamos a imprensa quasi toda na cadeia, sem escapar, é claro, o *Camaleão* e o *orgão dos taberneiros*.

E se a medida se estendesse aos que defendem imoralidades como as do sr. Pereira da Cruz, isso então nem se fala...

Ainda as imoralidades do tenente miliciano Pereira da Cruz

A questão será apreciada pelo govêrno, afirmam-nos

Uma das causas que mais contribuiu para a guerra que largos anos moveu o partido republicano contra a monarquia foi a imoralidade, cada vez mais desbragáda, do passado regimen.

Com rasão de sobejo, bradámos anos sobre anos que desde as mais elevádas esféras do estado até ao mais insignificante corpo administrativo, tudo era uma infame crápula sendo calcádos com o maior desplante e o mais impudico descaramento os rudimentares principios do decôro e da moral.

Protéstos sobre protéstos fôram lavrádos, promêssas sobre promêssas garantidas e asseguradas de que mal estivéssem nas mãos dos republicanos as rédeas do govêrno, restritas contas seríam pedidas, e o ajuste délas imediatamente feito com tantos quantos, esquecendo os interesses sagrádos da Patria e a moralidade indispensavel dos homens e da sociedade, tinham prevaricádo no vasto campo do *pilha*, que, como taboleiro tentador, a monarquia exibia aos olhares aváros e sequiósos dos seus servidores e amigos.

Triunfou, no entanto, o novo regimen, que é toda a esperança da Patria, e não só de contemporisação em contemporisação tem deixádo a auferir ainda os beneficios rendosos doutros tempos os reconhecidos responsaveis de não menos reconhecidas grandes culpas, como ainda alguem pretende proteger aqueles que a dentro das novas instituições continúam na prática de actos que nem na Africa se cometeríam sem o protésto de qualquer que fôsse dotado do mais leve sentimento de moral!

A Republica, traçando um caminho que supôs melhor, no desejo de não levantar atritos e ainda duma possivel regeneração social, enganou-se, e tanto mais quanto é cérto que chegámos á afrontosa vergonha de vêr que hoje, como ontem, aqueles que, eivádos de velhos vicios, passáram da monarquia para a Republica com a mesma facilidade com que mudâmos de camisa, e pretendem continuar no desempenho do envenenádo sistêma, que foi o maior érro doutros tempos: a imoralidade!

E' o que vemos com o repugnante caso de burla cometido pelo medico miliciano Pereira da Cruz que continúa hoje as suas tradições doutróra, trazidas da monarquia, de que foi um devotádo corifeu em todos os campos politicos onde as suas conveniencias, a prática de façanhas o levâram, e que, deitando-se monarquico ergueu-se republicano, porque julgou muito criteriosamente que assim—com toda a sinceridade da sua nova devoção—continuaria isentando mancebos, a 50$000 reis cada um, do serviço militar!!!

E poude conseguil-o?

Sem dúvida. Ora, sendo assim, acode-nos perguntar se alguem poderia tomar a sério a possibilidade, sequer, de que, sem um completo saneamento, uma exibição completa de todos estes fócos de infecção e de exemplos repugnantes, como esse que citâmos, seja possivel a regeneração moral indispensavel sob que devem assentar as novas instituições.

O actual govêrno assim o compreendeu e transmitiu dizendo-nos na sua declaração ministerial que a si avocaria todos esses processos de sindicancias, para, revendo-os,

rivalidar os seus julgamentos ou mandar instáurar outros.

E' o proprio govêrno que julga, e muitissimo bem, de primordial necessidade éssa reconstrução em preparativo, não esquecendo que a base mais sólida e a da mais fina tempera das sociedades é uma só moralidade a par duma alevantada justiça. Assim, e ainda porque uma voz, na câmara, até que se sigam outras, chamou a atenção do ilustre ministro da guerra, vai ser revisto um processo, que significáva apenas o reflexo de todas as habilidades e *trucs* que o acusádo e amigalhótes prepararam indecente e indecorosamente, procésso que estava destinádo a servir de capa e de ponte para, ainda por cima, nos perseguirem, abafando-se assim um dos crimes mais indignos e repugnantes, atenta a categoría e a intelectualidade do criminoso.

Crime que não só tem uma flagrante repercussão na Republica, como, representando um terribilissimo mau exemplo, tem principalmente uma grande força contagiosa provada já nas contas dadas pelos companheiros de Pereira da Cruz julgados e condenádos nos tribunais das comarcas de Oliveira de Azemeis e Lisboa.

A familia protetóra do culpado, preparando *ad hoc* o famoso libélo e nele consignando com avolumados argumentos as *provas exuberantes* da inocencia do acusado, apagando por outro lado os documentados e pessoais testemunhos—*sem valor*—a ele juntos—facil sería prevêr o resultado fatal, ou seja—o reconhecimento da inocencia de Pereira da Cruz.

Coitados; de braço dado com tanta sabedoría e tão elevado calculo, demonstração elevadissima de preponderancia e... corrução, de politiquice réles e de velha trica de tempos idos—exibiram-se todavía na companhia de quanto póde a cegueira e a stulta vaidade!

Coitados; imaginaram-se vitoriosos, e aparecéram então a esguichar asneiras no *canudo*, orgão da familia, repetindo pela milessima vez aquelas tão conhecidas e estafadas árias—pedindo que lhe metessem na mão a... palma da vitoria e lhe pozéssem na cabeça a corôa rutilante de louros!...

Coitados; estava tudo feito e... desfeito, pensáram eles.

Obtida e reconhecida a inculpabilidade do criminoso; mandádo arquivar, por falta de provas, o decantádo procésso—o resto era facil. E na sua degeneráda imaginação, traçou aquéla familia sagráda a triunfante cêna de quadro final da batalha, em que eles, cobertos de gloria, embriagados da luta, viam no espaço, devidamente fardado, agitando a espada, o imerito barbaçána cercádo de centenas de individuos, esfarrapados e nús, que lhe pediam, num côro infernal, as dezénas de mil reis arrancadas com esse novo conto do vigário, á sua miseria e á sua estupidez!...

Coitados; pensáram isto e se assim o julgáram melhor o fizeram.

Conseguido pela familia do burlista esse *desideratum*, que é a maior afronta á justiça nos ultimos tempos, o atinádo e finório timoneiro désta carcassa, que o velho patrão, á força de bater com éla em baixios, abriu de meio a meio; o atiládo timoneiro José Maria Barbosa de Magalhães, mandou carregar os velachos, alou braços a bombordo e largando todo o pano supôs assim que nos metia no fundo apanhando-nos de través, por baixo da linha dagua, com a queréla de desoito artigos—aí valente!—historiando a triste odisseia déssa série ininterruta de *escroquerles* do dr. Manuel Pereira da Cruz!

Mas a manobra foi mal feita, e como nestes tempos e máres de hoje não se navéga como outróra, resultou que o chóque se deu sobre uma das chapas do nosso barco, onde se lia—justiça!—e eis que, feito o nosso protésto na respectiva capitanía, resulta que da vistoria passada a bordo se conheceu a marósca e novo exame se tem de fazer ás causas desse desastre...

Por ésta não esperavam eles e toda a sua espertêsa não lha tinha deixado vêr.

A revisão do processo vai fazer-se e as responsabilidades sejam de quem fôr hão de ser apuradas e por élas terão de ser pedidas contas. De nada vale o chamamento de protetôres, nem as combinações e planos, com o apoio e auxilio de estranhos fidalgótes... que já nos tempos passados e pela dedicação a eles votada, tivéram pêso... na balança. De nada valerá tudo isso.

Da revisão hade vir o conhecimento verdadeiro de quanto aqui temos dito relativo aos actos indecorosos praticádos por Manuel Pereira da Cruz, que a audacia, irmanada com a imbecilidade dos seus defensores, ainda o apresenta como — *tenente medico miliciano, medico municipal do concelho, delegado de saude no distrito, homem politico, politico republicano e republicano democratico!*

Independente, porém, do resultado desse processo, teremôs aquele para que o culpado nos provocou, apelando para o tribunal.

Aí, em voz bem alta, será contada toda a historia e feita a prova provada da indiscutivel verdade de todas as acusações que aqui temos feito contra Manuel Pereira da Cruz, acusado de isentar do serviço militar mancebos a 50$000 reis cada um e como tal, em nome da moralidade, que deve cercar o novo regimen, e pela honra em que deve assentar a Republica, esse homem não póde continuar na contingencia da prática de novos crimes com escarnio e ofensa á justiça, á moralidade e á Republica!

Continuarêmos sempre até que éla seja plenamente feita a gritar, aos homens do govêrno:

Justiça! Justiça! Justiça!

PADRES REBELDES

Foram ontem nos tribunais désta cidade julgados mais dois: o padre João Emidio Rodrigues da Costa, prior de Cacia e o seu coadjutor.

Pesava sobre êles a acusação de conduzirem processionalmente o viatico, sem a respectiva licença da autoridade competente, acusação que não podéram destruir e que resultou sofrerem a pena de 3 dias de cadeia, custas e sêlos do processo.

Os réus apelaram da sentença, sem se recordarem do que diz a creatura quando consigna que—*não se agita a folha duma arvore que não represente a vontade de Deus.*

Logo aquêles tres dias...

DEPOIMENTO INSUSPEITO

Quem é o editor do "Camaleão,,

que, exercendo contra nós uma vingança, nos chama aos tribunais onde teremos de responder no proximo dia 15 do corrente

A proposito dumas referencias da gazêta do Côjo ao professor Elias Pereira e ao antigo jornal BEIRA MAR

CARTA DE AMIGO

Sem comentários, porque os achâmos dispensaveis, reproduzimos na integra o seguinte, onde se acha desenhada a linha de coerencia do editor do *Camaleão*, Firmino de Vilhena de Almeida Maia, por quem de perto o conhece e com êle viveu intimamente antes da proclamação da Republica:

Amigo meu:

O *Progresso de Aveiro* achou sensacional a carta que lhe dirigi por intermedio da *Beira Mar*, e eu que desejo que aquele colléga tenha de vez em quando a sua sensaçãosinha, para o ajudar a passar estes tristes dias da vida, torno-me a servir deste meio para responder ás explicações que você manda pelo *Campeão* de quarta feira.

Você, Firmino, foi o demonio que me apareceu!

Olhe se não vou ao jantar do padre Pato!

Se não tenho a sorte de ir comer o rico leitão que o Vigário de Arada me ofereceu, estava bem arranjado. Você que tinha aberto comigo, sem me avisar, o que, na verdade, é uma grande falta de consideração, colocava-me numa posição tristissima.

Eu chegava-me a si, na minha bôa fé, em cumprimentava-o na minha ignorancia, e você, com esse coração empedernido, deixava-me tal qual o Senhor na areia, esquecendo éssa amisade tão grande e tão leal que me havia oferecido e que eu, tão sincéramente, lhe pagava com sentimento egualmente intenso.

E depois, daí, que série de desgostos, Firmino, que série de desastres!

Você não andou bem, Firmino!

Você zangou-se sem razão, e, não contente com isto, você não me dá parte da sua zanga e deixa-me sujeito á contingencia de sofrer uma desfeita, uma grande desfeita!

Oh! Firmino que você tem pelos no coração!

Você é o diabo!

Então que lhe disse o *ti* Elias que tanto o magoásse?

Você, porque o seu rapaz foi reprovado, e depois riscádo do liceu, viu o *ti* Elias como o unico responsavel por todos os seus desastres.

E desde aí desatou a bater no *ti* Elias com toda a força da sua... penna.

O *ti* Elias, caládo como um rato, aguentou éssas bi-semanaes porrádas durante anos sem conta.

E agora que tinha de explicar ao general seu amigo (como você, Firmino, é facil nas amisades) chega-lhe a você dois *pinhões*.

E fôram eles por intermédio da *Beira Mar*, e por isto você zangou-se.

Mas note que o *ti* Elias, meu mestre e meu amigo, tomou com a sua assinatura a responsabilidade das *chalaças*.

E você não tinha que se zangar comigo enquanto não soubésse que eu as perfilháva ou nélas concordáva.

Você é o diabo, Firmino!

Ora eu, pelos seus queixumes, reli a carta do *ti* Elias, e verifico que lá não ha ofensas para ninguem.

A não ser que você seja de suscétibilidades incompreensiveis.

E vamos vêr.

Quando se trata do seu Luiz o *ti* Elias diz-lhe que o *rapaz* é um grande talento, como tem demonstrado por esses liceus abaixo. Que raio de ofensa ha aqui. O rapaz tem sido cabula?

Ora... é como muitos cabulas que ha por esse mundo de Cristo fóra.

Mas a sua *cabu ite* deu o resultado capaz de justificar o *ti* Elias, se ele fôsse, se ele tivésse sido o professor que o reprovou no liceu de Aveiro.

Você ha muito ano que chama ao *ti* Elias **burro, besta cavalgadura, incompetente,** o que lhe vem á cabeça e ao bico da penna.

E' a maior ofensa que póde fazer a esse homem. Primeiro porque não diz verdades, depois porque isto de chamar a um professor burro e incompetente deslustrando-o na sua profissão, agravando-o no seu modo de vida, constitue o maior prejuizo á sua dignidade profissional, e só déla vive o dr. Elias, e só déla vem a consideração que a um professor é necessária para o seu bom nome na sociedade.

Portanto o seu procedimento, Firmino, merecia a resposta, e ninguem dirá que o *ti* Elias está pago com aquéla simples chaláça que lhe dirigiu, e que, de facto, chega a ser inofensiva.

Veja você o mal que o seu Luiz sofreu com a referencia.

O proprio Luiz hade concordar com isto. Você farto de encher a barriga ao *ti* Elias de burro, de cavalgadura, etc.

O *ti* Elias um dia diz que o seu rapaz é um talento porque não tem sido feliz no resultado dos seus estudos desde que saíu de Aveiro.

Ora que ofensa vai aqui?

Deus livre o rapaz de o atestado da sua inteligencia ter de ser tirado pelo resultado da sua cabulite.

Assim, pois, o *ti* Elias em nada o ofendeu. Tal qual como você quando me chamou *gerico*, nome porque ainda hoje, em momentos de máu humor, me trata o seu Presidente, o seu ilustre Presidente, Gustavo Ferreira Pinto Basto.

Pois você não me chamou *gerico?!*

E de que valeu isso, meu caro? Você bem sabia que eu não o era. Tinha-mo dito antes, no *Campeão*, disse-mo depois no *Campeão* e até pessoalmente.

Onde está, pois, a ofensa do *ti* Elias?

Que diacho! *Nem tanto ao mar nem tanto á terra*, como diria Gabriel Ançã: não queira *um Deus para si e um diabo para os outros*, como diria o Pedro da Naia, seja justo, e seja bom, conta em que você se tem e que me parece estar cérta.

Que demonio de razão havia eu de invocar para pedir ao *ti* Elias que cortásse aquéla sua passagem?

Você, se pensar um pouco, vem a concluir que só a sua ideia a respeito do *ti* Elias, o levou a sentir-se tanto contra mim.

Mas, meu caro, já estou a ouvil-o: «e a ofensa á memoria de meu Pae?»

E' aquéla cousa do Napoleão, sabe?

Ora meu caro! Onde está o desrespeito para a memoria de meu Pae?

Napoleão 3.°, *segundo rézam as cronicas*, como diria o nosso amigo Jacinto Rebocho, foi das relações de seu Pae.

E' um facto que demonstrou a extraordinária audacia de Manuel Firmino, homem público que ocupa o seu logar entre os homens ilustres da nossa terra, que como todos os homens tem defeitos, mas que teve tambem excecionaes virtudes.

A historia a que o *ti* Elias alude refere-se por ai. Desonra de algum modo a memoria de seu Pae?

Claro que não, amigo. Por mais que você queira forçar a hipotese, você não encontra qualquer referencia que deslustre a memoria do seu Pae.

E se você tivésse pensado que as nossas relações eram leais e sentidas, você não se exaltava e veria que eu não consentiria num gravâme para a memoria do homem que você hoje representa.

Você foi exagerádo e precipitádo, creia-o.

Pense bem e vem ás bôas, por justiça, por dever.

***

Não tinha, pois, razão para romper comigo, mas eu perdôo-lhe os seus exageros, porque você é sempre, pela sua bôa fé, e pelo seu bom feitio, exagerádo em extremo.

Você é... *rompe e rasga*, como dizia D. Pedro IV.

Mas você é tambem... *chora, menino, chora*, como dizia D. João VI.

Quando *rompe e rasga* é cheio de ameaças, dá o seu *beliscão*, mete a sua chaláça insultuosa e grâve para a honra dos outros.

Quando *chora, menino, chora* você é amigo como ha poucos, leva-nos á lua, põe-nos mais altos que o sol, emfim não ha quem se antepônha ao seu elogiádo.

Quando desáta a escrever linguados para a primeira hipotese (tal qual o nosso colléga, Marques Vilar, que tambem é jornalista, tal e qual como o Renato) você diz cousas que bradam aos céus, joga-nos biscas encapotádas, deixa quem o lê na suspeita de que você sabe alguma cousa grâve, ofende, magôa, humilha, vexa e desconsidéra.

Quando escreve para a segunda hipotese você não é excedido por ninguem.

Máu sistêma, Firmino!

E quer vêr porquê?

Você está a chamar burro ao *ti* Elias depois de lhe chamar o homem mais inteligente do Universo. Você chama-lhe máu professor depois de o haver classificádo o melhor dos pedagôgos dáquem e dálem-mar.

Você em 5 de Julho de 1897 chamava-me, a proposito da minha formatura, o talento mais brilhante da minha geração, a inteligencia mais bem organisáda de Aveiro, emfim você punha-me nos cornos da lua, como dizia o São Sebastião de Sá.

Logo depois você disse-me as ultimas e chamou-me *gerico*, classificação que ainda hoje, como eu disse, nas suas horas más, me dá o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto que o *Progresso* de quinta feira, como você viu, deseja que eu *espingardeie*.

Você em Março de 1906 desancou o pobre Gustavo Ferreira Pinto Basto: acusou-o das mais tôrpes acções e dos mais indecentes actos. E tal foi a sua potencia que veio a descompôl-o desde lá até março de 1909. Tres anos de porráda, sem conta, no pobre homem.

Você em 1909 começou a considerá-lo como o melhor presidente de ha 50 anos a ésta parte, e eu estou já eclipsado, eu que, conforme você dizia, depois de seu Pae, de honrosa memoria, fui a mais compléta organisação de Presidente do Municipio que se tem visto, desde D. Sancho II até nossos dias.

Ora aí tem você as inconveniencias do seu feitio.

Você é vitima de uma organisação que é de bom, mas como acontece a todos os bons, de um precipitado e de pouco cauteloso.

Você ia arranjando com tudo isto uma grande carrapáta.

Não vejo no *Campeão* senão meias palavras, acusações encapotádas, *o diabo a quatro*, como diría Antonio Augusto de Aguiar, e apezar de eu ha dias o convidar para dizer abérta e francamente *o que ha pelo ar que se não sente*, como rubricaría D. Frei Bartolomeu dos Martires, você continúa com cousas vagas, que deixam dúvidas e suspeitas e, constatando o meu abraço, não mo retribue, sinal cérto da sua desconfiança, de que éla continúa, de que éla existe ainda.

Ora amigo meu, bóte para cá tudo. Venha de lá isso!

Se quando ralham as comádres, se descobrem as verdades (como diría Voltaire, ou alguem por ele, porque eu nisto de autores não estou muito cérto) venham de lá éssas verdades, deixêmo-nos de incertezas e de dúvidas.

E diga que eu lhe não abro o caminho, e que não sou seu amigo!

Acabe-se com isto, Firmino, e tome lá outro abraço, recomende-me ao *Progresso* e creia-me

Am.° cérto

Aveiro, 17—3.°—910

JAIME SILVA

O carnaval

Apezar do bom tempo que nos ultimos tres dias fez, decorreu sensaborão nas ruas, sem uma mascara de espirito, um dito de efeito, o velho folião doutras éras que no entanto têve a sua consagração no teatro, não só nas noites em que subiu á cêna a revista—*Ao correr da fita*...—mas ainda naquélas destinadas aos bailes públicos e que chamáram enorme concorrencia ás salas da nossa casa de espectaculos onde animadamente se jogou a serpentina e o confetti, atingindo, por vezes, a batalha, extraordinárias proporções.

De résto—*tout est bien qui finis bien*. Cada qual divirtiu-se a seu modo e o entrudo assim passou entre nós não restando hoje mais do que uma vaga recordação dêsses dias de desprendimento para lhes não chamarmos de esturdia universal.

Ao ausentar-me, ainda que temporáriamente, dêste concelho e distrito, cumpro o gratissimo dever de abraçar afectuosamente os meus presados correligionários que me encheram de considerações e a quem procurarei corresponder com a minha imarscessivel gratidão, e de apresentar os meus cordiaes cumprimentos a todas as pessoas com que tive a honra de manter amistosas relações até este momento e para cuja perpétuidade contribuirei.

Durante a minha ausencia e emquanto durar a comissão especial de serviço que me foi confiáda por sua ex.ª o ministro do Interior, o meu nenhum prestimo fica ao dispôr de todos na secretaría do respectivo ministério.

Aveiro, 5 de Fevereiro de 1913.

Antonio Maria Beja da Silva

Homenagem á sciencia, á justiça e á moralidade

A politica nem sempre é esse virus que dum homem digno faz um tratante, que prefere a malandrice á honestidade, que estrangula a justiça, que espesinha as leis da sociedade, que emfim transforma o caminho recto e claro da vida no mais redemoinhado e escuro labirinto. Quando abandona os sistêmas arranjistas para ser uma sciencia positiva com as suas leis proprias com os seus processos de investigação e de elaboração; quando deixa de ser uma profissão dos ignorantes atrevidos para ser uma sequencia logica da filosofia da vida, éla dignifica os seus discipulos, moralisa a sociedade que a abraça, fortalece o país que a adota e premeia com a gloria da perpetuidade os seus mestres.

Nésta Londres do distrito a politica seguida pela escola do mestre dr. Barbosa de Magalhães, que tem por discipulo amado o secretario da câmara dêste concelho, pertence a uma déstas categorias, como provado está por todo o distrito de Aveiro.

Os acontecimentos politicos desenrolados ultimamente nêste concelho, pelo seu criterio scientifico, pela sua justiça e moralidade só por si eram suficientes para o demonstrar da maneira mais convencente.

Os factos falam bem alto, cedêmos-lhes, pois, a palavra.

* * *

No cartorio do 1.º oficio désta comarca havia um oficial de deligencias, Guimarães, de edade avançada e bastante doente, impossibilitado, portanto, a satisfazer as obrigações que lhe competiam. A prova désta verdade encontra-se nas substituições constantes dêste oficial e que se anotam nos diferentes processos que correram por esse cartorio.

Não podendo continuar semelhante protécionismo, resolveram propôr-lhe a reforma, com que o referido oficial concordou depois de lhe tirarem os horrores do mêdo—chamêmos-lhe assim—que lhe haviam injétado.

Substituido pelo antigo republicano Augusto de Oliveira Guerra, principiaram os serviços a serem feitos como deviam, até que este oficial, que é empregado numa fábrica de vidros, por comodidades e necessidades da fábrica, pensou pedir a sua demissão. Apareceram dois concorrentes ao logar que ia ficar vago. Um, patrocinado por velhos republicanos, era cunhado do Guerra; o outro, patrocinado por republicanos depois de implantada a Republica, cunhado do secretário da câmara.

Os velhos republicanos dirigiram-se ao deputado escolhido pelas comissões politicas dêste concelho; os outros ao dr. Barbosa de Magalhães, deputado da minoria pelo nosso circulo.

Tanto uns como outros se esforçaram pelo seu protegido, mas nenhum resolveu o assunto, porque o grupo do secretário da câmara tinha no ministério da Justiça o seu chefe, como êles chamavam ao dr. Barbosa de Magalhães; o grupelho dos velhos republicanos tinha pelo seu lado a certeza de que Augusto Guerra não pedia a sua demissão para o subalterno do deputado da minoria.

Nêste *statu quo* se passáram mezes, até que o velho republicano Alexandre Ferreira da Costa, que alguns dissabores havia sofrido no tempo da Senhora Defunta por tanto pugnar pelos principios republicanos e que das incursões couceiristas perdeu noutes na vigilancia désta vila ao lado de correligionarios nossos, se abeirou de Augusto Guerra e em conversa lhe contou que estava resolvido a ir para longe da Patria á busca de trabalho que lhe garantisse a subsistência, pois não queria por mais tempo ser parasita de sua familia.

Foi o encontro dêstes dois bons correligionarios que veiu terminar a questão empatada do oficial de deligencias.

Como nêste meio os republicanos por ideal e por convicções são pouco numerosos, sendo devéras sentida uma falta, o Guerra respondeu ao Alexandre que, não lhe causando transtornos pecunearios a sua demissão, a pediria se a certeza tivésse de que com justiça ia ser substituido por um bom republicano e que portanto êle se habilitasse.

Atendendo ás provas de bom republicano e ás habilitações literarias do Alexandre, qualidades que os dois concorrentes empatados não possuiam, do *Grupo Radical de Defêsa da Republica* partiu o grito da substituição, trilhando-se até ao fim o caminho da justiça e da dignidade.

A reclamação subiu ao ministério da Justiça, mas, apezar de todos reconhecerem que a razão estava do nosso lado, o despacho não se fez porque o dr. Barbosa de Magalhães a tal se opôz por pedido dos seus condignos correligionarios.

Isto passou-se nos ultimos dias do ultimo ministério.

Com a subida ao poder do partido Democratico e com homens que são escravos dos principios, da moralidade o da justiça e não das influencias reais ou ficticias dos pesos eleitoraes, novamente a reclamação do *Grupo de Defêsa* subiu ao ministro e as portarias necessarias em breve fôram á assinatura. A justiça triunfou, ainda que o *Diário das Câmaras* tivésse de desempenhar por auto-mandado, ou o papel de carrasco, decepando a cabeça do secretário ou de operador destruindo-lhe para todo o sempre os sumtuosos palacios da grande familia da Procreação.

Quando os jornaes déram a noticia da nomeação do Alexandre, o odio brutou tão furiosamente da alma do secretário da câmara que a sua cabeça, num relampago de inteligencia, descortinou, a esperança da vitória, implorando ao *seu chefe* a anulação do despacho, partindo do principio, falso, claro está — de haver negocio entre os republicanos interessados. E á volta dêsse principio milhares de provas de egual teor se mexeram em intrigas doidas para se conseguir éssa anulação, feito indespensavel para que a força heroica do *seu chefe*, e por consequencia do grupo, ecoasse por toda a parte e a vitalidade concelhia toda tremula viésse de joelhos confessar-lhe a ren ição.

Debalde fôram êsses esforços de inteligencia e de moralidade politica. A justiça não se importou com os clamores dêsses rubros republicanos, satisfazendo apenas o que o Partido Republicano Português desde sempre colocou na primeira pagina das suas promessas, do seu programa—Justiça.

Ao saberem positivamente que o ultimo pretendente tomou pósse do logar de oficial de deligencias, o secretário da câmara fez espalhar pelos porta-vozes da sua grei que o despacho se havia conseguido á custa de muito dinheiro afiançado pela mentira do emissario enviado junto dos poderes centraes; mas que o jornal de combate pelo radicalismo, *O Radical*, no proximo n.º a sair havia de dizer bem alto o que se passou e destruir, com golpes profundos e certeiros, todo êsse negocio enxovalhante para a Republica. Foi o sr. Nunes o autor dos boatos, esse que hoje, escondido, atáca os proprios magistrados. Temos provas do que dizemos.

Depois de tantas afirmações, toda a gente anciosa esperava a saida dêste jornal republicano oliveirense para lêr as tremendas acusações de que o secretário da câmara com toda a hombridade em tése literaria ia derrubar a golpes de critica todo êsse pedestal de honestidade e puritanismo em que a multidão estava habituada a vêr erguidos alguns republicanos dêste concelho.

Era tal o interesse por éssa leitura que os assinantes receavam que das mãos do distribuidor lhes fôssem roubados os seus exemplares por aquêles que não olhando a preço queriam possuir êsse extraordinário numero do *Radical*.

Ao passo que a hora da saida do prélo se avisinhava, em todos os olhos se lia claramente a anciedade. Alguem, que aproveita sempre estes movimentos para se divertir, fazia correr que já o prélo tinha soltado o ultimo gemido e que as salas da redação se esmagavam com a grande mó de anciosos compradores.

Só de longe a longe, a contrastar com este desusado movimento, se viam espreitar por entre as janélas entreabertas os patifes de tão velhaca e escandalosa negociata!

* * *

Soou finalmente o pregão nas ruas da vila. Encontrões, atropêlos (não á lei porque não causa espanto), gritos, gemidos, finalmente uma enorme montanha em movimento se dispunha a esmagar o petís distribuidor do jornal.

O felisárdo que pôde conseguir o primeiro exemplar, dotádo de uma alma bondosa, subiu ao cume déssa montanha e *com voz pausada* leu:

Um negocio!

O *Diario do Govêrno*, de 22 do mês corrente, publicou o seguinte:

«Augusto de Oliveira Guerra—exonerádo, como requereu, do emprego de oficial de diligencias substituto do juizo de direito da comarca de Oliveira de Azemeis, e nomeado para esse lugar Alexandre Ferreira da Costa».

Diz-se por aí á bôca cheia que para ésta nomeação houve tróca de dinheiro entre os interessados, o que, a ser verdade, representa uma imoralidade e um desprestigio para as instituições.

Para que o assunto não fique nas trévas do esquecimento, lembrâmos aos dignos magistrados da comarca a necessidade de procederem, sem demora, a um inquerito, afim de se apurar o que ha de verdadeiro sobre o caso.

Aa terminar a leitura, que vários vezes foi interrompida pelos entusiásmos dos ouvintes, foi tal a sensação produzida que de todos os peitos, como se um apenas existisse, rompeu uma estrondosa ovação ao eminente jornalista Nunes da Silva, que escravo da verdade e senhor da mais requintáda hombridade, esmagalhou com sábia critica os comparsas do repugnante negocio. Foi uma verdadeira apóteose á sciencia, á justiça e á moralidade do secretáıio da câmara, sr. Silva, como representante legitimo da verdade escola da politica... positivista.

Oliveira de Azemeis, 29 de Janeiro de 1913.

O medico, **Lopes de Oliveira**

Excéssos

No teatro e por via do abuso, que se permitiu, de encomodar os espectadores que na segunda-feira assistiam á representação da revista—*Ao correr da fita*...—foi preso o alferes de cavalaria Sá Guimarães que, acompanhado do capitão Barão de Cadoro, deu entrada no quartel, decorrendo depois o espectaculo sem mais incidente.

O alferes Guimarães achava-se num camarote juntamente com outros individuos, mas tais desmandos praticou, berrando e provocando os que no uso dum direito protestávam contra a sua falta de correcção, que a autoridade se viu obrigada a intervir evitando assim um sério conflicto, que chegou a desenhar-se só não indo mais adiante pela intervenção rapida de algumas pessoas empenhadas em evital-o.

O caso de segunda-feira indignou porque não estando os aveirenses acostumados a receber da guarnição militar désta cidade quaisquer outras provas que não sejam de amistosa cordealidade, a atitude do sr. Sá Guimarães pondo-se em conflito com o público, que enchia o teatro, predispoz muito mal dando logar a comentários que aquêle oficial bem podia poupar sem com isso deixar de se divertir.

Do caso está sendo levantado o respectivo auto.

Uma torpêsa

Quando tinhâmos o jornal quasi concluido chegou-nos ao conhecimento que o medico **escroc** Manuel Pereira da Cruz, que mercê dum favoritismo escandaloso ainda é tenente miliciano e delegado de saude no distrito de Aveiro, fez espalhar na visinha vila de Ilhavo por meio da insinuação, num dos dias proximos passados, que o director de *O Democrata* além de ter denunciádo ha dois annos ao sr. comissário de policia a existencia duma rolêta na Costa Nova, onde se achava a veranear, cometeu no ano findo a veleidade de, como tesoureiro duma comissão de festejos ali realisados, não fazer chegar o saldo déssas festas ao destino que todos acordáram dar-lhe, o que além de ser revoltante denota o odio, a baixêsa de sentimentos do miseravel que assim se julga vingar de nós pelo facto de o termos desmascarádo pondo-lhe as pustulas ao sol.

No proximo numero falarêmos, sr. Pereira da Cruz.

E falarêmos alto, como de costume, demonstrando, com documentos, quanto são falsos, redondamente falsos, os boatos adréde espalhados com o malevolo intuito de nos ferir.

Incendio

Com a velocidade das más novas, correu na manhã de segunda-feira ultima a triste noticia de que um incendio consumira o edificio onde estava estabelecída a estação telegrafo-postal da Costa do Valado, que tambem serve de habitação ao seu chefe e nosso presado amigo Ernesto Simões Maia, que na extremidade oposta áquéla onde funcionáva o telegrafo tinha um estabelecimento, do qual auferia alguns lucros, que o ajudavam a vencer as dificuldades da vida. Uma visinha que se erguera cedo deu pelo incendio e aos seus gritos de alarme acudiu a população, que trabalhou com denodo, assim como o sr. Maia, que, descalço e semi nu, salvou os filhinhos duma morte certa. Já o ano passado por ésta época lhe morreu uma menina, sua filha, queimada.

Todos os aparelhos, utensilios e valores da repartição foram por o sr. Maia, salvos, emquanto os populares retiravam quanto podiam das outras casas. No emtanto o prejuizo é grande, excedendo talvez um conto de reis, apezar do seguro cobrir parte do dano. Ignora-se a causa do incendio que principiou no andar superior consumindo um grande *stock* de fazendas várias, que ali tinha o inquilino.

Sentimos bem intimamente o desastre que feríu aquêle nosso tão prestavel amigo quanto util cidadão e funcionario, fazendo votos para que largos dias de completa felicidade o retemperem de tanto desgosto sofrido.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

FEVEREIRO

DIAS	PHARMACIAS
9	BRITO
19	REIS
23	MOURA

Novidade literaria

As classes pobres, por A. Niceforo, tradução de Emilio Costa.

Ensaio de catecismo socialista, por Julio Guesde, tradução de Agostinho Fortes.

As "Classes Pobres,, de Alfredo Niceforo impõe-se á consideração dos estudiosos pela meticulosidade de processos que o autor empregou na fatura da obra. Nésta época de verdadeira remodelação social, o estudo de Alfredo Niceforo, brilhantemente traduzido por Emilio Costa, constitue um subsidio valioso e inestimavel para a solução de tão grâve problema. Como complemento, e ainda como contribuição para o estudo da questão social, a *Bibliotéca de Educação Nacional* apresenta nêste volume o **Ensaio de Catecismo Socialista** de Julio Guesde, traduzido por Agostinho Fortes. Obra dum pensador profundo, servido por largos cabedaes scientificos. **O Ensaio** parece-nos trabalho cuja publicação e divulgação muito interessa ao nosso meio que, inquestionavelmente, está elaborando um periodo de forte remodelação.

A' venda nas livrarias e na nova séde da Empreza: Típografia Gonçalves 12, rua do Mundo, 14—Lisboa.

O CASO PEREIRA DA CRUZ

E O GOVÊRNO

O nosso presadissimo colléga *Bairrada Livre*, de Anadia, volta no seu ultimo numero a ocupar-se das imoralidades do medico Pereira da Cruz pela penna do seu colaborador Gomes Junior, escrevendo a tal respeito o seguinte:

Anda o *Democrata*, de Aveiro, empenhado em uma campanha de moralidade que já foi secundada por alguns, ou por quasi todos os jornais partidários e independentes que não querem que esta Republica se afunde no mesmo mar de lama que enguliu a monarquia.

Não é só a imprensa, é toda a gente que está com os olhos postos na moralidade republicana, para a julgar. O medico miliciano sr. Manuel Pereira da Cruz é acusado de, mediante valiosos objectos e diversas quantias, isentar mancebos do serviço militar. Bem sabemos que já se procedeu a inquérito, para averiguar da responsabilidade criminosa do acusado. Esse inquérito foi militar e nada deu, assim como muitos outros que tem acabado por passar diplomas de *zelosos cumpridores dos seus deveres* a funcionários *prevaricadôres*.

Ora, valha a verdade, a culpa de terem ficado impunes muitos criminosos é da própria República que, como muito bem diz Bazilio Téles, devia, logo de principio, ter posto de parte todos os funcionários que não merecessem confiança á República e entregar êsses lugares a republicanos de antes quebrar, do que torcer a justiça a favor de monárquicos impenitentes.

Não é segredo para ninguem que tanto no militarismo como no funcionalismo civil, ha monárquicos mascarados de republicanos que sempre que pódem absolvem monárquicos e condemnam republicanos; e que em grande parte, os encarregados das sindicancias a monárquicos prevaricadores são outros monárquicos que a logica nos diz que teem o maior interesse em absolver os seus antigos correligionarios, das mesmas faltas que êles, sindicantes, outr'ora praticáram. Diz-se até que um oficial de um regimento daqui não muito longe, respondera a um cacique, que lhe pedira a isenção de um mancebo, que todos os pedidos feitos por monárquicos seriam atendidos enquanto que, se algum republicano lhe pedisse o mesmo favôr, responderia que não!

Quem sabe se o sindicante ao caso Pereira da Cruz estará nas mesmas condições?

Que resta agora para que não fique impune um caso verdadeiramente grâve de moralidade republicana? Que êste govêrno, verdadeiramente republicano, cumpra com uma das promessas do seu chéfe: — *Não obstante ser grâve e difícil a situação que a República herdou, o govêrno procurará merecer do país a mais larga e pronta confiança...*

Ora, uma vez que o govêrno está disposto a merecer a confiança do país, como prometeu o sr. dr. Afonso Costa, o país exige que o sr. ministro da guerra avoque a si o processo de sindicancia ao médico miliciano Pereira da Cruz, acusado de *isentar mancebos a 50 mil reis por cabeça.*

E' assim que o govêrno merecerá a confiança do país, porque será uma garantia de que na República ha equidade, ha justiça, ha moralidade.

Se quizérem.

Comunicados

A carta do sr. dr.

Roque Ferreira, de Fermentélos, precisa de ser comentáda nalgumas passagens que me parecem menos verdadeiras. Mal andou o sr. Roque Ferreira em confessar que a carapuça da correspondencia da Palhaça em o numero 256 deste jornal lhe pertence. Néssa correspondencia não visáva eu o nome de medico algum, referindo néla, tão sómente, a licença obtida por um simples atestádo de um medico. Mas já que o sr. dr. Antonio Roque Ferreira veio dizer que a carapuça lhe pertence, conveniente é que se apurem as coisas. Eu não quero discutir com o sr. Roque Ferreira a mais pequena parcéla de clinica. Quero simplesmente aclarar a verdade que, me parece, está do meu lado. Quando foi da primeira senhora, se senhora se lhe podia chamar, eu não sei, pelo menos não sabia que havia sido o sr. dr. Roque Ferreira o medico atestador. Sei apenas que a tal senhora, que Deus por lá conserve muitos anos, obteve licença de 9 dias não sei se sem vencimento, ou pelo menos dizia-se que éla tinha obtido a licença. O que é cérto é que a mulher, contando em saír desde já da Palhaça, teve de estar aqui uns quinze dias ou mais até que sempre conseguiu a licença. O sr. dr. Roque não se atreve a provar que eu lhe requeri uma inspecção medica. E não obstante a mulher ter de voltar á Palhaça, ia dizendo que havia de conseguir a licença, que os documentos haviam marchádo para Agueda e então... forçosa era a licença, que afinal se deu. E eu sube em Aveiro na ocasião ou depois, que quem tinha trabalhádo para a abtenção da licença ora o sr. dr. Roque Ferreira e um tal dr. Brêda. Nem sempre se diz a verdade e eu não afirmo por não ter a certêsa. Posso apenas dizer que, pela confissão do sr. dr. Roque Ferreira, alguma coisa houve, embora fôsse o atestádo que ofereceu dúvidas ao então director dos correios, pelo que houve a tal inspecção. Mas quanto á segunda senhora, o sr. dr. Roque Ferreira disse a alguem da Palhaça que efectivamente se lhe havia apresentádo a encarregáda da estação da Palhaça, queixando-se-lhe de syncopes, o que o sr. Roque Ferreira disse não poder atestar por ignorar se a mulher sofria ou não dêsse mal. Que o atestádo que lhe passou não era o suficiente para éla obter licença.

Mas então em que condições atestou sua ex.ª?

Não póde tirar uma certidão do atestádo para se vêr e conhecer a responsabilidade que lhe póde caber néssa licença?

Este é, talvez, o melhor caminho a seguir. Eu não quero para o sr. dr. Roque Ferreira senão a responsabilidade que lhe coubér, e oxalá éla não seja nenhuma, tal é o meu desejo de o vêr ilibádo déssa responsabilidade. Mas, sr. dr. Roque Ferreira: eu não perguntei a ninguem quem foi o medico que atestou á sr.ª Palha. E sem perguntar a ninguem, falando tãe só na reabertura da estação, dizem-me que quem arranjou a licença á encarregada da estação da Palhaça foi exatamente o sr. dr. Roque Ferreira por um atestado que lhe passou. E, segundo me dizem, foi gente de Fermentélos que o disse.

Quererão atribuir ao sr. Roque Ferreira importancia que o sr. não tem?

Não sei meu cáro. O sr. o dirá e provará com uma certidão do atestado.

Eu luto pela Palhaça como minha terra adotiva e não vejo bem aquêles que por qualquer fórma procuram damnificar-lhes os seus interesses. Mas, apezar disso, nunca quiz imputar responsabilidades a quem de facto as não tivér. E ficâmos por aqui, porque não vale a pena dizer-lhe os trabalhos que passei por Ovar e Aveiro á procura do sr. dr. Rodrigo Rodrigues, então governador civil de Aveiro. E tudo isto por amor da politica genuinamente republicana. A Palhaça não tem por emquanto mais ninguem, triste é dizel-o, por isso que vai cá o sarna e intruzo, mas vai pelo caminho da verdade sem dar atenção a peores sarnas, peores intruzos, e confessos reaccionarios como lha dá o sr. dr. Roque Ferreira! Isso é que eu lamento. Isso é que é para lamentar.

Mas, apezar de tudo isso, eu fico a cumprimental-o sempre que a ocasião se me ofereça, e o sr. procéde como entender.

Palhaça, 2 de Fevereiro de 1913.

Manuel de Mélo

CORRESPONDENCIAS

Pará, 14 de Janeiro

Dissémos na nossa correspondencia de 24 de Novembro ultimo, que tinha sido ordenado pelo govêrno luso que a inscrição dos portuguêses no livro do consulado custáva 9$000 reis e que no tempo da monarquia era gratis. De facto assim foi por muitos anos, mas desde 24 de Dezembro de 1903 é que está em vigor a tal lei de extorquir aos portuguêses aqui residentes, 9$200 reis a titulo de matricula nos consulados.

Atribuimos ésta lei ao govêrno republicano, quando pertence aos antigos da monarquia.

O que solicitâmos do govêrno português é a abulição déssa lei por ser absurda, pois não se compreende que um cidadão pelo facto de pedir a inscrição do seu nome no livro, seja obrigado a pagar 9$200 reis.

Fazemos lembrar tambem ao mui digno consul português nêste Estado, sr. José Soares, que faça vêr ao seu secretário que déve ser mais delicado com as pessoas que procuram os seus serviços no consulado.

Lamentâmos que o nosso consul ainda tenha ao seu serviço um individuo reconhecidamente *talassa*.

Os republicanos fizéram a Republica e os *talassas* são quem gosam...

Como classificar isto?

= Tem sido acremente comentado um artigo da *Folha do Norte*, de 5 do corrente, assinado por Medeiros Lima, em que os portuguêses aqui resídentes são insultados duma maneira impropria de quem se diz civilisado.

E' aos portuguêses que o Brazil deve o seu progresso; no entanto ainda sômos insultados... e a emigração continúa...

= Tomouposse no dia 1 do corrente, a nova directoría eleita da *Beneficente Portuguêsa* que ha-de gerir os negocios daquéla associação durante o ano corrente.

Oxalá a nova directoría faça substituir as irmãs da caridade por elementos civis e que suspenda o padre que ali reza missa.

Admirâmos que se dêem 200$000 reis mensais a um padre, estando a sociedade sacrificada com um *deficit* enorme.

= Consta que vae ser construido no terreno da extinta *Provincia do Pará* um teatro-bar.

= Tendo sido dissolvida a Associação *Protetora dos Panificadores do Pará* foi resolvido por seus socios o oferecer o dinheiro existente em caixa á *Beneficente Portugnêsa* e á *Liga Portuguêsa de Repatriação*, cabendo âquéla 2:700$000 reis e a ésta 1:000$000 reis.

= No Estado de S. Paulo estão tratando de erigir uma estatua a Cristo.

Tem graça.

= Continúa a má impressão no seio da colonia estarreijense, pela nomeação dum sugeito que já respondeu por ter morto um homem, para escrivão do

Juiz de Paz da Murtoza, e que é filho dum *cacique* de Veiros do qual consta que ainda está livrando mancebos da vida militar.

Tambem consta aqui que êsse escrivão faltára ao respeito ao hino nacional e que numa dada ocasião fizéra substituir a atual bandeira republicana por outra monarquica.

=Chegou aqui no dia 31 de Dezembro ultimo, o sr. dr. João Coelho, mui digno governador Estadual.

=Realizou-se no dia 6 do corrente a eleição para a Diretoría da *Liga Portuguêsa de Repatriação* que administrará os seus negocios durante o ano corrente.

Deu o seguinte resultado:

Presidente—Luís Danin Lobo.
Vice-presidente—Octaviano de Carvalho.
1.º Secretário—Antonio F. C. Gomes.
2.º *dito*—Americo N. S. Costa.
Tesoureiro—Manuel de Oliveira Soares.
Suplentes—Adelino da Silva Gil, Albino Jones Garcia Fialho, Aloizio G. M. Costa, Augusto Alves Teixeira e José Rufino.

Assembleia geral

Presidente—José de Rezende Rego.
1.º Secretario—Antonio G. C. Dantas.
2.º *dito*—Alvaro F. Lisboa.

Conselho fiscal

Francisco Pinto da Silva Junior, Inacio Pereira Godinho, Norberto de Matos Almeida.
Suplentes—Francisco Bento Pinto, José Martins da Silva Lopes, Manuel Valente Portoredro Junior.

A diretoría, que terminou o seu mandato, repatriou desde Março ultimo até 31 de Dezembro, 116 individuos de ambos os sexos, tendo deixado um saldo de mais de cinco contos de reis.

Esta sociedade deve a sua reorganisação ao sr. dr. Emilio Corrêa do Amal, um dos portuguêses que mais tem trabalhado em prol da colonia e que é dotado dum carater imaculado e dum coração todo cheio de bondade.

=Apareceu á luz da publicidade, no dia 4 do corrente, um novo orgão semanal da colonia portuguêsa, que se denomina *O Heraldo*, e cuja falta era muito sensivel no seio da colonia portuguêsa.

E' seu redactor o muito ilustrado, sr. Octaviano de Carvalho, atualmente vice-presidente da *Liga Portuguêsa de Repatriação*, tendo ocupado tambem ha tempo o logar de secretário do *Centro Republicano Português*.

E caso para darmos os nossos parabens pela feliz lembrança que têve da fundação do novo periodico.

C.

✠

Oliveira de Azemeis, Loureiro, 1

A comissão politica désta freguezia protestou contra o modo como foi liquidádo o suja caso do medico Pereira da Cruz, cumprindo fielmente o modo de sentir da grande parte dos seus paroquianos, honestos e patriótas.

Nem podia deixar de ser.

Sobre isenções devo notar que no ultimo ano ésta freguezia deu 37 mancebos para a vida militar e destes consta que só 5 ficáram apurádos, o que, francamente, nunca se viu, no falido regimen.

Ou aqui reina grande moléstia, ou houve quem fizésse da lei um esfregão, como por aí se diz á bôca cheia.

— O coadjutor do abade continúa a dar que falar por não querer, ao que parece, guiar-se pelas leis do Estado, principalmente a que lhe diz respeito como padre. A junta de paroquia já lhe fez sentir o mal que disso lhe póde resultar, mas o reverendo é que se não acha disposto a tomar carreira direita pelo que ousâmos chamar a atenção das autoridades competentes para por sua vez pôrem côbro ás rabiosas e intempestivas arremetidas do tonsurádo.

Urge que estes declarádos inimigos das instituições sejam quanto antes compelidos a entrar na ordem. O contrário é dar provas de fraquêsa e isso deve-se evitar para honra e prestigio da Republica.

C.

✠

Nariz, 3

O 31 de Janeiro

A pacata aldeia de Nariz não quiz tambem deixar no olvido o dia 31 de Janeiro, dia consagrado aos precursores da Republica.

Assim; a Comissão Republicana Radical na sua ultima sessão resolveu dar todo o brilho aos festejos projectádos para êsse dia.

Logo aos primeiros alvores da manhã de 31 embora se apresentasse com uma chuva miudinha e intensa foi anunciado êsse dia que ha 22 anos tanta familia enlutou, mas que hoje nos despontou alegre e festivo, por uma girandola de foguetes e pelo repicar dos sinos. Cêrca das 23 horas e sob a direção do nosso amigo e inteligente professor Albino Sarabando da Rocha as creanças das duas escolas entoaram a *Portugueza* no vasto salão da séde da Comissão Radical Democratica ornamentado a capricho pelas inteligentes professoras de Nariz e Palhaça, respectivamente D. Angelina Moreira Alberto e D. Maria dos Santos, findo o qual se dirigiram para o Cabeço de Erieira os nossos amigos srs. Francisco de Oliveira Mostardinha e Albino Sarabando da Rocha aguardando ali a chegada da reputada filarmonica da Palhaça que a expensas suas tão generosamente acedeu ao convite.

Cêrca das 16 horas e em frente da habitação do digno presidente da Comissão sr. Luís Tomaz Ribeiro a filarmonica executou de novo a *Portugueza* no fim da qual fôram levantados entusiasticos vivas ao Partido Republicano, Afonso Costa, etc., etc.

Chegados a Nariz perto das 19 horas o presidente iniciou a sessão de gala com um belo discurso referindo-se ao govêrno do sr. dr. Afonso Costa, o unico capaz da prosperidade da nação.

Seguiram-se depois os meninos Peralta e Alzira que nos déram um momento de constante goso espiritual com as suas belas poesias.

Seguiu-se depois o nosso amigo Francisco de Oliveira Valerio, um caracter lucido; que no seu discurso comunicou a este nosso povo inculto os fremitos da sua alma e os entusiasmos da sua fé. Foi muito ovacionado. Seguiu-se o menino José, filho diléto do acreditado comerciante e nosso amigo sr. Manuel de Oliveira Junior.

Depois recitou o menino Eleuterio Sarabando da Rócha uma historica poesia sobre a revolução de 1640 terminando por levantar um viva á Republica Portuguêsa e ao dr. Afonso Costa. O menino Eleuterio foi deliramente aplaudido por toda assembleia que escutava a vóz alegre daquélas creancinhas.

Em seguida recitou a menina Ana Rosa Alberto Valente que com toda a tatica desempenhou um belo logar e que por isso enviámos um abraço a seu bom pae e nosso verdadeiro amigo sr. José Martins Alberto. Depois recitou a menina La Sallete da Conceição Rocha uma linda composição poetica, intitulada *Vida dos Estudantes*. Foi um delirio naquéla ocasião, visto a dita poesia provocar o riso de toda a assembleia. Em seguida o sr. presidente deu a palavra ao sr. Albino Rocha que fez a biografia dos martires de 31 de Janeiro. Eram 24 horas quando o sr. presidente fechou a sessão. Em todos os intervalos a filarmonica executou a *Portugueza*, acompanhada pelo orfeon dos alunos das duas escolas primárias.

Foi um verdadeiro dia de festa para o humilde povo de Nariz, que vai conhecendo o caminho errante que até aqui tem seguido.

C.

✠

Cacia, 3

Tomou ontem posse a corporação cultual désta freguezia, cuja direcção ficou composta dos seguintes cidadãos: José Simões de Miranda, presidente, Antonio Dias de Pinho, secretário, João Ferreira, tesoureiro.

Ao acto que foi muito concorrido, assistiram, os srs. dr. Marques da Costa, José Tavares, regedor désta freguezia e muitos outros cavalheiros cujos nomes não nos ocorrem agora.

Depois da posse, que foi dada pela junta de paroquia estando presente a competente autoridade, foi chamado o paroco da freguezia padre João Rodrigues da Costa, que declarou aceitar a cultual pondo condições que serão resolvidas na proxima sessão da corporação.

=Faleceu aqui ontem Antonio Inacio, homem que tinha nésta terra muitas simpatías.

O seu enterro foi muito concorrido.

P. A.